

# Uma única Europa?

## O tratamento das questões europeias em quatro jornais nacionais (1985-2003)

Ana Horta<sup>1</sup>

Na bibliografia especializada tem sido salientada a existência de uma multiplicidade de percepções e interpretações da ideia de Europa, cujo significado pode variar entre União Europeia, continente europeu, civilização ou cultura ocidental, cidadania europeia, etc.<sup>2</sup> Mas no que diz respeito à mediatização da Europa, face ao actual panorama mediático continental, em que não existe um espaço público de dimensão europeia nem um enquadramento comum, transnacional, para a informação sobre a Europa, verifica-se que os debates públicos circunscrevem-se às esferas públicas nacionais e que as coberturas jornalísticas estão refractadas segundo agendas, interesses e ângulos nacionais.<sup>3</sup> Esta constatação evidencia a necessidade de se analisar o tratamento jornalístico das questões europeias de forma particularizada, isto é, tendo em conta as especificidades nacionais – na medida em que factores de ordem histórica, económica, política ou cultural acentuam diferentes formas de cada país se relacionar com a Europa – e respectivos sistemas mediáticos.

Relativamente ao caso português não existe ainda um estudo integrado, e aprofundado da mediatização da Europa, pelo que nos permitimos levantar aqui uma questão surgida no quadro de uma investigação em curso<sup>4</sup> acerca da relação entre a imprensa e a reprodução da memória social da Europa em Portugal. Nesta perspectiva, o tratamento das questões europeias pela imprensa é entendido como um processo social de produção e transmissão de informação realizado em articulação com a memória social da Europa dominante na sociedade portuguesa. Isto significa que a informação produzida pelos jornais é aqui considerada portadora de esquemas de representações convencionais e simplificadas, de modo a articular-se com a conceptualização ou construção social de sentido da Europa que tem vindo a ser permanentemente reproduzida no espaço

nacional.<sup>5</sup> Neste âmbito, e com base numa primeira análise<sup>6</sup> de dados recolhidos acerca da informação produzida sobre a Europa em quatro jornais nacionais, surgiu a questão que se pretende abordar aqui: em que medida a construção da ideia de Europa é semelhante nos vários jornais analisados, apesar dos perfis mediáticos respectivamente diferenciados?

Esta questão supõe que se analisem a eventual transversalidade e estabilidade da construção social da ideia de Europa. Transversalidade por tratar-se de jornais com diferentes perfis e identidades – os diários *Jornal de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Público* e o semanário *Expresso* –, e estabilidade por utilizar-se uma perspectiva de análise longitudinal, que inclui onze períodos de análise de 1985 a 2003. Por razões práticas apenas poderá ser aqui abordada a questão da transversalidade.

Antes de mais, impõem-se algumas observações de carácter metodológico. Em primeiro lugar, a escolha dos quatro jornais enunciados obedeceu à conjugação de factores inerentes à própria investigação e de um conjunto de critérios tais como a periodicidade, a evolução da circulação média anual, a distribuição geográfica da circulação média, a composição da audiência média ou a qualificação geralmente atribuída a cada jornal. Por estarem directamente relacionadas com os dados recolhidos, estas características dos jornais serão referidas mais à frente.

Uma segunda observação diz respeito à selecção dos períodos de análise. Pela natureza do objecto de estudo, decidiu-se aplicar a uma cronologia anteriormente elaborada acerca das relações entre Portugal e a Europa nas últimas décadas a noção de «cronologias quentes»<sup>7</sup>, com o objectivo de diferenciar determinados períodos em que parecesse terem ocorrido sucessões de acontecimentos particularmente significativos para a construção da ideia de Europa no espaço público

nacional. Deste modo, estabeleceu-se que a observação deveria recuar da actualidade até 1985 (ano marcante pela assinatura do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias), compreendendo os seguintes onze períodos, de dimensão variável, consoante a tematização pública de alguns acontecimentos considerados relevantes:

- (1) de 1 de Março a 31 de Julho de 1985 – finalização das negociações de adesão à CEE;
- (2) de 28 de Dezembro de 1985 a 18 de Janeiro de 1986 – entrada de Portugal na CEE;
- (3) de 27 de Junho a 26 de Julho de 1987 – realização da primeira eleição nacional para o Parlamento Europeu;
- (4) de 3 a 19 de Junho de 1989 – eleições para o Parlamento Europeu;
- (5) de 1 de Dezembro de 1991 a 5 de Janeiro de 1992, de 1 a 8 de Fevereiro de 92, de 1 a 11 de Abril de 92, de 23 de Maio a 30 de Junho de 92 e de 5 a 12 de Dezembro de 92 – discussão do Tratado de Maastricht e primeira presidência portuguesa da Comunidade Europeia;
- (6) de 28 de Maio a 13 de Junho de 1994 – eleições para o Parlamento Europeu;
- (7) de 1 a 20 de Dezembro de 1996, de 7 a 23 de Junho de 1997 e de 20 de Setembro a 4 de Outubro de 1997 – discussão da União Económica e Monetária e do Tratado de Amesterdão;
- (8) de 29 de Maio a 14 de Junho de 1999 – eleições para o Parlamento Europeu;
- (9) de 24 de Dezembro de 1999 a 8 de Janeiro de 2000, de 5 a 12 de Fevereiro de 2000, de 18 de Março a 1 de Abril de 2000 e de 10 de Junho a 2 de Julho de 2000 – segunda presidência portuguesa da União Europeia;
- (10) de 22 de Dezembro de 2001 a 20 de Janeiro de 2002 – entrada em circulação da moeda única europeia;<sup>8</sup>
- (11) de 22 de Novembro a 21 de Dezembro de 2003 – discussão do Tratado Constitucional Europeu.

Uma terceira observação de carácter metodológico diz respeito à selecção dos dados para análise. Foram construídas duas bases de dados. A primeira, com um total de 1.423 casos, diz respeito às primeiras páginas de todas as edições dos jornais analisados. A segunda, com um total de 7.074 casos inclui todos os artigos explicitamente alusivos à Europa constantes nos jornais atrás indicados durante estes períodos, tendo sido utilizado como principal critério de selecção dos casos a recolher a existência, no conjunto dos títulos de cada texto jornalístico, de pelo menos uma referência directa à Europa ou a alguma entidade reconhecidamente associada à Europa (por ex.: CEE, UEFA, Banco Central Europeu) ou ainda expressões conotadas com as questões europeias (ex.: comunitário, Bruxelas, PAC/Política Agrícola Comum, federalismo, «Doze» ou «Quinze», Euro 2004).

Os dados obtidos permitem, por um lado, indicar algumas características diferenciadoras das identidades e perfis mediáticos dos jornais analisados e, por outro lado, estabelecer comparações no tratamento por cada jornal das questões europeias. É na articulação destas duas abordagens que se pretende analisar o nível de transversalidade da mediatização da Europa entre estes periódicos.

### **Perfis mediáticos dos jornais analisados: algumas diferenças**

Poderá dizer-se que, de modos diferentes, os quatro jornais analisados constituem importantes referências na imprensa generalista de circulação nacional. O *Jornal de Notícias*, fundado em 1886, e o *Correio da Manhã*, fundado em 1979, desde os anos 80 disputam entre si o estatuto de diário mais lido no país. Ambos têm como vocação serem jornais populares, embora o *Jornal de Notícias*, à semelhança do seu tradicional formato *broadsheet*, entretanto abandonado, «não ceda ao sensacionalismo»<sup>9</sup>, enquanto o *Correio da Manhã* poderá ser considerado o melhor sucedido diário nacional dentro do estilo popular-sensacionalista.<sup>10</sup> O *Público*, fundado em 1990, com cerca de metade da circulação média dos anteriores, foi conce-

bido como um diário inovador, de qualidade, projectado para tornar-se o principal jornal de referência do país.<sup>11</sup> Quanto ao *Expresso*, fundado em 1973, é há muito o semanário mais vendido, sendo considerado de qualidade.

O Quadro I mostra que em termos de evolução da circulação média anual, à excepção do *Público*, estes jornais ocupam lugares de destaque na imprensa generalista nacional. No entanto, importa ter em conta a configuração geográfica da sua distribuição.

Segundo os indicadores de audiência da Marktest relativos ao primeiro semestre de 2002, e exceptuando-se o caso do *Público*, único na imprensa nacional, era visível uma clivagem entre a audiência média obtida por estes jornais no norte e no centro e sul do país (Quadro 2), que fazia do *Correio da Manhã* e do *Jornal de Notícias* diários quase exclusivamente lidos por habitantes respectivamente do centro e sul do país e do norte, ou, mais propriamente, lidos por habitantes da Grande Lisboa e do Grande Porto.

Um indicador que poderá ser utilizado para aferir o carácter popular ou de elite dos jornais consiste na observação dos grupos socioeconómicos de pertença da maioria dos seus leitores. Assim, segundo dados do Bareme-Imprensa, estudo regular da Marktest, a distribuição da audiência média destes jornais por classe social no primeiro semestre de 2002 mostrava que, embora qualquer um destes seja lido por todas as classes, a maioria dos leitores do *Público* e do *Expresso*, respectivamente 54,4 e 52%, pertencem às classes alta e média alta, enquanto apenas 17,6% dos leitores do *Jornal de Notícias* e 14,4% dos leitores do *Correio da Manhã* estejam incluídos nesta categoria.

Os dados recolhidos nesta pesquisa fornecem outros elementos de caracterização da identidade destes jornais. Na análise das 1.423 edições observadas foram quantificadas e codificadas num conjunto de categorias temáticas de uso corrente as três principais matérias noticiosas escolhidas pelos jornais para figurarem com o maior destaque na primeira página. Os resultados mostram que

**Quadro 1. Circulação média anual de alguns jornais generalistas nacionais**

Jornal	1986	1990	1995	2001
Expresso	96 536	132 273	143 903	137 406
Jornal de Notícias	63 869	69 107	80 475	106 978
Correio da Manhã	67 427	65 587	81 414	102 280
Diário de Notícias	n.d.	n.d.	44 055	61 119
Público	-	37 163	58 567	55 273
Tal & Qual	56 504	57 898	49 177	38 452
O Independente	-	47 179	92 317	26 314
A Capital	n.d.	28 898	37 659	11 501

Fonte: Boletim Informativo da APCT

**Quadro 2. Distribuição geográfica da audiência média, 1º semestre de 2002 (em %)**

Jornal	Norte	Centro/Sul
Expresso	32,9	67,1
Público	47,8	52,3
Correio da Manhã	10	90
Jornal de Notícias	94,7	5,1
% população nacional	52,2	47,8

Fonte: Marktest

Nota: No Norte incluem-se o Grande Porto, o litoral norte e o interior norte; no Centro/Sul incluem-se a Grande Lisboa, o litoral centro e o sul.

existem perfis claramente distintos entre os quatro jornais analisados (Quadro 3).

Com efeito, o semanário *Expresso* destaca-se pela hegemonia dos temas políticos nas suas primeiras páginas: 71,7% das manchetes analisadas neste jornal foram classificadas como «política»; o que faz com que todas as outras categorias pareçam residuais.

Inquestionavelmente considerado um jornal de referência, o *Público* afasta-se bastante deste perfil, adoptando uma abordagem jornalística tematicamente diversificada e não centrada quase exclusivamente na realidade política do país. Além da importância concedida às questões internacionais e europeias, respectivamente 20,5 e 19,2% dos casos, é entre os jornais analisados aquele que mais vezes tem apresentado temas culturais e científicos nas manchetes de primeira página.

O perfil do *Correio da Manhã* traçado por este indicador é também claro: concedendo um destaque importante à política, segue um modelo que se esperaria de um típico jornal popular, privilegiando assuntos directamente relaciona-

dos com o quotidiano, pelo que «sociedade», «economia»<sup>12</sup> ou «polícia» são categorias com 21,6%, 23,3% e 11,6% dos casos.

Já o *Jornal de Notícias* apresenta um perfil muito próprio, conjugando, numa fórmula híbrida, características que o aproximam simultaneamente dos jornais de referência e dos populares, mas também com importantes componentes regional e desportiva. Efectivamente, o destaque na primeira página concedido a notícias de carácter desportivo (7%) e regional (5%) contrasta com o verificado nos restantes jornais.

Uma análise mais detalhada permite caracterizar as diferenças entre jornais relativamente à notoriedade atribuída aos temas relacionados com a Europa. Para isso foi considerada a frequência com que cada um dos jornais apresentou nas primeiras páginas títulos relacionados com assuntos de âmbito europeu. No Quadro 4 apresentam-se os resultados obtidos de modo a possibilitar a comparação entre as diferentes frequências com que os jornais colocam títulos relaci-

**Quadro 3. Categorias temáticas da notícia com maior destaque na 1ª página (em %)**

	Correio da Manhã	Jornal de Notícias	Expresso	Público
Política	30	34,7	71,7	30,2
Sociedade	21,6	12,6	4,3	10,4
Europa	7,6	19	9,8	19,2
Economia	23,3	3,2	2,2	4,2
Internacional	3,4	12,6	5,4	20,5
Polícia	11,6	4,2	2,2	6,5
Desporto	1	7	2,2	4,2
Regional	1	5	-	0,3
Media	-	0,4	2,2	1,6
Cultura	0,2	0,2	-	1,6
Ciência	0,2	-	-	1,3
Outros	0,2	0,6	-	-
Total	100	100	100	100

**Quadro 4. Edições em que títulos relacionados com a Europa surgem na 1ª página (%)**

	Correio da Manhã	Jornal de Notícias	Expresso	Público
(1) Um ou mais títulos	21,8	42,3	51,1	55,2
(2) Um ou mais títulos entre os 3 mais destacados	12,4	30,5	20,7	39
(3) O título mais destacado	7,6	19	9,8	19,2

onados com a Europa na primeira página (1) independentemente do destaque que lhe é dado, (2) entre os três títulos mais destacados, ou (3) como a manchete do dia.

Desde logo poderá constatar-se o óbvio: quanto maior é o destaque dado a títulos sobre a Europa menor é a frequência com que surgem. Mas verifica-se também que este padrão, evidente no *Correio da Manhã* e no *Público*, surge de modo divergente nos outros dois jornais. Com efeito, nos períodos de análise considerados, o *Público* apresentou em 55,2% das edições analisadas assuntos relacionados com a Europa na primeira página, enquanto o *Correio da Manhã* fê-lo em apenas 21,8% das edições, mas ambos apresentaram o tema relacionado com a Europa como a manchete do dia em cerca de um terço dessas vezes. No caso do *Jornal de Notícias* verifica-se que, tendo incluído referências à Europa na primeira página de 42,3% das edições analisadas, em quase metade dos casos (19%) essas notícias foram apresentadas como a mais destacada do dia. O *Expresso*, pelo contrário, incluiu referências à Europa em metade das suas edições mas só em um quinto desses casos (9,8%) lhes deu o maior destaque possível.

Esta observação indica que o estilo do jornal efectivamente condiciona a representação que este produz da relevância pública dos acontecimentos.

Outro indicador revelador das diferenças entre estes jornais é a utilização dos géneros jornalísticos. No conjunto dos onze períodos de análise verificou-se que, tal como seria de esperar pelas características atrás descritas, é no *Expresso* que a proporção de artigos de opinião e editoriais relativamente ao total de unidades relacionadas com a Europa em cada

jornal é mais elevada: 14,5%, contra 6,6% no *Público*, 4,8% no *Jornal de Notícias* e 2% no *Correio da Manhã*. A proporção de entrevistas no conjunto das unidades informativas relacionadas com a Europa segue o mesmo padrão: mais elevada no *Expresso* (3,5%) do que nos restantes: 2,2% no *Público*, 1,7% no *Jornal de Notícias* e 0,5% no *Correio da Manhã*.

Deste modo, tratando-se de quatro jornais com perfis diferenciados, o tratamento informativo das questões relacionadas com a Europa será necessariamente condicionado pelas diferenças de estilo com que é produzida e a informação. No entanto, ao nível do conteúdo associado à Europa surgem algumas semelhanças.

### O tratamento das questões europeias: algumas semelhanças

Uma das variáveis utilizadas para analisar o tratamento pelos jornais dos assuntos relacionados com a Europa é a «ideia de Europa». A este respeito os dados obtidos indicam que no espaço público a ideia de Europa está dominada pelo conceito de União Europeia. Tal como noutros Estados-membros, Europa e União Europeia surgem como termos intercambiáveis.<sup>13</sup> Concepções tradicionais da Europa associando-a a valores civilizacionais e à ideia de desenvolvimento apenas têm uma expressão residual no corpus analisado. Com efeito, como mostra o Quadro 5, verifica-se a prevalência de duas representações directamente relacionadas com a construção de uma comunidade económica europeia e de uma comunidade política europeia. A terceira mais frequente concepção de Europa diz respeito a uma «comunidade desportiva».

**Quadro 5. Ideia de Europa nas unidades informativas analisadas (em %)**

	Correio da Manhã	Jornal de Notícias	Expresso	Público
Comunidade económica	48,3	41,6	44,5	32,6
Comunidade política	23,6	29	34	37,2
Comunidade desportiva	9,2	14,9	10,3	14,5
Comunidade sócio-cultural	6,1	4,1	1,2	5,2
Entidade reguladora	5,0	3,8	3,7	5
Espaço geográfico	4,6	3	1,7	2,1
Desenvolvimento/civilização	2,1	1,7	1,3	1,7
Pluralidade Estados/nações	0,8	0,6	2,1	0,9
Outras	0,2	1,1	1,3	0,8

Pode também observar-se que prevalece a ideia de unidade face à diversidade, o que faz supor uma eficácia no plano simbólico das instituições promotoras do processo de «construção europeia», face à realidade de um continente ainda dividido política, sociológica, económica, linguística e culturalmente em Estados e nações.

Se bem que existam algumas diferenças nos resultados observados por jornal, no conjunto não é possível identificar esquemas distintos no processamento jornalístico da ideia de Europa. O

*Público* apresenta uma frequência mais baixa da ideia de comunidade económica (32,6%, quando os outros estão acima dos 40%), mas isso parece dever-se sobretudo ao facto de este diário ter sido fundado em 1990, época desde a qual na Comunidade Europeia ganhou peso a componente política. O facto de o *Expresso* apresentar apenas 1,2% de unidades informativas em que prevalece a ideia de Europa enquanto comunidade sócio-cultural parece dever-se ao estilo do próprio semanário, que tende a remeter esse tipo de conteúdos para a revista distribuída em conjunto com o jornal. Efectivamente, ao repetir-se a mesma situação relativamente a uma outra variável verifica-se que esta divergência diz respeito a diferenças de estilo entre os jornais. Com efeito, relativamente ao modo como são tratados jornalisticamente os assuntos europeus, o *Expresso* é o jornal que menos utiliza uma abordagem centrada em aspectos sócio-culturais (2,7% dos casos), enquanto o *Correio da Manhã* apresenta uma tendência oposta (14,1%) e o *Público* e o *Jornal de Notícias* situam-se numa posição intermédia (respectivamente, 6,9 e 7,2% dos casos).

Outro aspecto relativamente ao qual não existem diferenças acentuadas entre os jornais consiste na atribuição à Europa de uma conotação maioritariamente positiva (Quadro 6). A frequência mais elevada de conotação negativa verifica-se no *Correio da Manhã* (12,1%) e a mais baixa no *Público* (9%). É também no *Público* que surgem com maior frequência textos com referências à Europa predominantemente neutras, ambivalentes ou ambíguas.

Para averiguar a sensibilidade da informação produzida nos quatro jornais relati-

vamente à desejabilidade da articulação entre a realidade nacional e a europeia foi incluída na análise a variável «relação entre Portugal e a Europa». Os valores obtidos revelam-se coerentes com a positividade da conotação atribuída à Europa (Quadro 7), no entanto verifica-se que entre 13,3 e 16,3% dos casos, a informação produzida nestes jornais transmite a ideia de que nos diversos acontecimentos relatados Portugal sai desfavorecido relativamente ao todo europeu. Mais uma vez, as diferenças entre os jornais não parecem muito relevantes.

Para compreender melhor a representação da relação entre o país e a Europa foi incluída na análise uma categorização da acção dominante nas unidades informativas. Assim, nos casos em que as notícias estabeleciam uma relação entre Portugal e a Europa verificou-se uma clivagem entre dois tipos de acção predominantemente representados: cooperação (em 39,6% do total dos casos) e competição (38,5%). Estes dados surgem em sintonia com algum do discurso político oficial produzido desde meados dos anos 80, segundo o qual a integração europeia representa uma oportunidade mas também um desafio. O terceiro tipo de acção mais frequente é a adaptação (12,8% do total) e, em quarto lugar, o conflito (8,2%). Não se verificam diferenças relevantes entre os jornais.

Noutro domínio foi registada qual a principal figura associada à Europa mencionada no título ou títulos de cada unidade informativa analisada. Os resultados mostram uma grande uniformidade entre os jornais analisados. A palavra «Europa», por exemplo, distribui-se quase invariavelmente pelos quatro jornais nos períodos analisados, surgindo um máximo de vezes no *Expresso* (em 18,5% dos casos) e um mínimo no *Público* (em 16,8% dos casos). Uma segunda expressão considerada, o adjectivo «europeu» apresenta uma variabilidade ligeiramente superior, de 3,9 pontos percentuais, surgindo no máximo em 15% dos títulos do *Jornal de Notícias* e, no mínimo em 11,1% dos títulos no *Público*. Outras expressões, como «UEFA», «Bruxelas» ou «União Europeia» apresentam uma variabilidade entre jornais de respectivamente 1,7, 0,8 e 4,7 pontos percentuais.



**Quadro 6. Conotação atribuída à Europa nas unidades informativas analisadas (em %)**

	Correio da Manhã	Jornal de Notícias	Expresso	Público
Positiva	60,6	63,3	58,2	56,7
Neutra, ambivalente ou indefinida	27,3	27,1	31,5	34,4
Negativa	12,1	9,6	10,3	9

**Quadro 7. Relação entre Portugal e a Europa nas unidades informativas analisadas (%)**

	Correio da Manhã	Jornal de Notícias	Expresso	Público
Favorável a Portugal	57,6	58,9	52,4	48,9
Neutra, ambígua ou indefinida	26,9	27,7	31,3	36,4
Desfavorável a Portugal	15,5	13,3	16,3	14,7

De igual modo, o actor principal em cada unidade informativa apresenta uma reduzida variabilidade entre os jornais considerados. «Portugal» surge mencionado como o actor principal de 6,3% dos casos analisados no *Jornal de Notícias*, 5,5% dos casos do *Correio da Manhã*, 5% dos casos no *Expresso* e 4,5% dos casos no *Público*. O «primeiro-ministro» surge como actor principal em 1,7% dos casos em todos os jornais, excepto no *Expresso*, em que surge em 2,3% das unidades analisadas. Em média, o «Governo», ou os seus membros, surge como actor principal em 3,2% dos casos, com uma variabilidade entre os jornais de 1,2 pontos percentuais.

Estes dados parecem indicar que com regularidade estes jornais utilizam as mesmas fontes de informação e que esse modo de organização da produção informativa condiciona os relatos e as representações produzidas acerca da realidade.

### Considerações finais

Em primeiro lugar, será aconselhável ressaltar que os resultados aqui apresentados não excluem a possibilidade de, caso se utilizem outras abordagens analíticas ou se procedam a outros cruzamentos de dados e testes estatísticos, surjam outras hipóteses não previstas neste texto. O trabalho de exploração destes dados está ainda em fase inicial.

Mas do que foi dado a conhecer até agora há indícios de que poderá confirmar-se a

hipótese em causa de que nos jornais analisados os diferentes estilos ou perfis mediáticos não impedem a existência de uma certa transversalidade no que diz respeito a alguns parâmetros da mediatização dos assuntos europeus. Com efeito, as divergências identificadas no tratamento dos assuntos relacionados com a Europa parecem dever-se sobretudo a especificidades idiossincráticas dos jornais analisados.

Poderá questionar-se se o que pôde verificar-se relativamente a estes quatro jornais nacionais – que, tal como ficou explícito, constituem importantes marcos no panorama da actual imprensa portuguesa – poderá ser generalizável a outros meios de comunicação social generalistas. Não dispondo de dados empíricos a esse respeito, é apenas possível conjecturar-se que alguns factores, como os seguintes, poderão contribuir para esse cenário.

Por um lado, e tal como tem sido reconhecido por responsáveis da própria União Europeia, os organismos comunitários têm revelado dificuldades na execução de uma política de comunicação eficaz, agravadas não só pela complexidade dos assuntos comunitários como também pela utilização de uma linguagem fechada e tecnocrática, daí resultando uma deficiente apreensão pelos media europeus em geral de conceitos e funcionalidades das instituições e políticas comunitárias e do processo de «construção europeia».

Acresce que, aparentemente, mantém-se uma certa dependência estrutural da imprensa

sa relativamente aos organismos oficiais enquanto fontes de informação, o que terá como efeito a produção de um tipo de informação pouco diversificado e transversal aos meios de comunicação. Além disso, a comercialização da estrutura produtiva da imprensa, que tem vindo a acentuar-se desde o final dos anos 80, parece tender a uma «despolitização» dos jornais, que poderia, de outro modo, potenciar diferentes abordagens das questões europeias. Deste modo, por constrangimentos internos dos jornais ligados à organização da produção de informação, mas também pela complexidade dos próprios assuntos europeus, não parece surpreendente que nos jornais analisados, e inclusivamente noutros, pareça existir alguma dificuldade em atingir determinados níveis de profundidade e complexidade no tratamento dos temas ligados à Europa. Efectivamente, tal como transpareceu num recente debate público, os próprios jornalistas consideram-se mal informados sobre a realidade europeia.<sup>14</sup>

Por outro lado, nas elites políticas nacionais tem dominado um certo nível de consenso relativamente à participação do país na integração europeia, não obstante uma instrumentalização da União Europeia que permite que, por vezes, os resultados das negociações comunitárias sejam publicitados como «vitórias nacionais» e, por outras, a «Europa» seja responsabilizada pelas medidas e políticas impopulares. De resto, os maiores partidos políticos, que poderiam constituir importantes fontes de informação promotoras de representações aprofundadas e esclarecedoras dos assuntos europeus, também parecem sentir dificuldade em compreender a União Europeia, o que se torna visível sobretudo nos períodos de campanha eleitoral para o Parlamento Europeu, ficando

centrados na disputa partidária a nível nacional e parecendo incapazes de discutir conceitos e modelos de construção europeia.

Um outro aspecto deverá ser considerado. Nas sondagens realizadas para o *Eurobarómetro*, instrumento de medida da opinião pública na comunidade, os portugueses estão permanentemente entre os europeus que mais se revelam mal informados sobre a realidade europeia (o que se manifesta sobretudo junto das mulheres e dos segmentos menos instruídos da população), se bem que estejam também entre as populações mais optimistas e «exibam atitudes claramente favoráveis à União Europeia» (o que acontece maioritariamente nos indivíduos do género masculino e entre os mais instruídos).<sup>15</sup> A semelhança entre estes resultados do *Eurobarómetro* e o perfil sociológico dos mais frequentes leitores de jornais parece indicar que a reprodução nos jornais durante os últimos anos de um tipo de representações da realidade europeia que é genericamente favorável mas também superficial, poderá ter alguma correspondência junto do público. Com efeito, a transmissão dos conteúdos informativos requer níveis mínimos de aceitação pelos públicos a que se destinam, pelo que se torna necessária uma certa imbricação das representações mediatizadas na memória social.

Poderá daqui inferir-se que a imprensa portuguesa está a contribuir para a construção social de uma memória hegemónica da Europa? Apesar da multiplicidade de vivências e percepções sociais, estará um conjunto de factores relacionados com os processos de mediatização e o espaço público nacional a condicionar, limitar e reduzir a ideia de Europa a uma única visão? Sendo necessário desenvolver a investigação empírica, a questão permanece.



## Bibliografia

**Correia**, Fernando, *Os Jornalistas e as Notícias*, Lisboa, Caminho, 1997. *Eurobarómetro - Relatório Nacional - Portugal*, nº 59.1, Representação da Comissão Europeia em Portugal, 2003.

**Fentress**, James, e **Wickham**, Chris, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, 1994.

**Guerrina**, Roberta, *Europe. History, ideas and ideologies*, London, Arnold, 2002, p. 3.

**Horta**, Ana, *Macau na Memória Social Portuguesa*, Tese de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE, 2000.

**Kevin**, Deidre, *Europe in the Media*, Mahwah/New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

**Lévi-Strauss**, Claude, *La Pensée Sauvage*, Paris, Plon, 1962.

**Mesquita**, Mário, «Os meios de comunicação social» in António Reis (coord.), *Portugal – 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, pp. 396-405.

**Rocha**, Nuno, «Os meios de comunicação após a Revolução dos Cravos (1974-1996)» in Alejandro Pizarroso Quintero, *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1996, pp. 369-396.

<sup>4</sup> Com o apoio do PRODEP, no quadro do financiamento da formação de docentes do ensino superior.

<sup>5</sup> Cf. James Fentress e Chris Wickham, *Memória Social*, Lisboa, Teorema, 1994; e também Ana Horta, *Macau na Memória Social Portuguesa*, Tese de Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE, 2000.

<sup>6</sup> Produzida para apresentação no VI Congresso da European Sociological Association, realizado em Múrcia (Espanha), de 23 a 26 de Setembro de 2003, com o título «Constructing the idea of Europe: analysis of the portuguese press».

<sup>7</sup> Claude Lévi-Strauss, *La Pensée Sauvage*, Paris, Plon, 1962, pp. 342-343.

<sup>8</sup> Relativamente ao décimo período de análise não foi possível, até ao momento, recolher os dados relativos ao *Jornal de Notícias*.

<sup>9</sup> Mário Mesquita, «Os meios de comunicação social» in António Reis (coord.), *Portugal – 20 Anos de Democracia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 387.

<sup>10</sup> Fernando Correia, *Os Jornalistas e as Notícias*, Lisboa, Caminho, 1997, p. 86; e Mário Mesquita, «Os meios de comunicação social», op. cit., p. 386.

<sup>11</sup> Nuno Rocha, «Os meios de comunicação após a Revolução dos Cravos (1974-1996)» in Alejandro Pizarroso Quintero, *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1996, p. 381.

<sup>12</sup> No caso do *Correio da Manhã* os assuntos classificados como «economia» são muito frequentemente abordados na perspectiva das famílias, isto é, centrados em problemáticas como o «custo de vida».

<sup>13</sup> Deidre Kevin, *Europe in the Media*, op. cit., p. 120.

<sup>14</sup> Cf. declarações de Henrique Monteiro (*Expresso*) e de José Alberto Carvalho (RTP) proferidas no painel «Os portugueses, os media e os assuntos europeus» da conferência «A nova Europa», promovida pela Câmara Municipal de Oeiras, no Tagus Park a 5 de Março de 2004.

<sup>15</sup> *Eurobarómetro 59.1*, 2003, p. 51.

<sup>1</sup> Escola Superior de Comunicação Social do Instituto Politécnico de Lisboa.

<sup>2</sup> Cf., por exemplo, Roberta Guerrina, *Europe. History, ideas and ideologies*, London, Arnold, 2002, p. 3.

<sup>3</sup> Cf. Deidre Kevin, *Europe in the Media*, Mahwah/New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 2003.